

RESENHAS

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva & Jeanne Sawaya; Revisão Técnica de Edgar de Assis Carvalho. 4ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001, 118p. Título Original: *Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur*. Primeira Edição: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) Paris, França, 1999.

Vicente Batista de Moura Sobrinho¹

Enfrentar um problema de dupla face, a do erro e a da ilusão, eis o desafio da educação do futuro. Aventa-se a partir daí a possibilidade de uma contribuição relevante do processo educacional conduzido dentro de uma sociedade hierarquizada e em permanente transformação. Pensar a sociedade em suas múltiplas estruturas é um grande desafio para os educadores; articular formas de saberes construídos, recorrer a outros saberes que estão postos na perspectiva da modernidade na sociedade, enfim, criar oportunidades para que esses saberes venham contribuir de forma positiva na ressignificação da vida coletiva sob o abrigo destas estruturas que estão postas nos parâmetros da modernidade. São essas, sem dúvida, algumas das preocupações do pensador Edgar Morin na obra *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*.

O autor tem em mira na sua reflexão as formas com que se dão as entranhas do processo de democratização social em tempos de globalização. E, mais ainda, procura evidenciar por intermédio da sua análise a sociedade contemporânea, bem como as diferentes maneiras de articular dentro do universo escolar o vislumbrar de uma formação mais humana sem, contudo descurar da erudição necessária, vinculando saberes ou processos de ensino tanto antigos, como modernos e contemporâneos, que são, aliás, artefatos teóricos-metodológicos que compõem essa complexa teia da modernidade.

No diálogo que ele estabelece com as fontes elencadas no decorrer do seu texto, não se abstém de leitura atenta e visão crítica daquilo que produziram

¹ Mestre pela Faculdade de Educação, integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação e do NEGUEM – Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher na Universidade Federal de Uberlândia, MG; professor na FESURV – Universidade de Rio Verde-GO.

no que tange às diferentes maneiras de enxergar a sociedade hoje com toda a sua proposição de progresso no campo da eletrônica, tendo por base o veículo por excelência socializador da informação principalmente. Não se esquece, por exemplo, nestas suas articulações metodológicas as benesses que esses aparelhos modernos trouxeram e vêm trazendo de bagagem positiva para o homem a que se quer moderno e funcional. Nas 118 páginas da obra, uma obra não muito extensa, mas de uma densidade incontestável, não desfilando diferentes focos de tensão presentes na sociedade contemporânea, onde os conflitos emergem com certa fluidez e a tentativa de escamoteá-los fogem ao controle das instituições, cuja função é manter uma certa organização funcional das ações concretas no trato com as questões públicas principalmente. A velocidade e a eficiência com que as informações chegam aos quatro cantos do continente dão a dimensão da complexidade do processo e da articulação de bases sólidas no intuito de manter o controle das atividades que contrariem uma determinada ordem social pretensamente universal e “afinada” com interesses da maioria, o que um tratamento específico na compreensão das suas estruturas.

A obra divide-se em 7 capítulos. O capítulo I, *As cegueiras do Conhecimento : o erro e a ilusão* pp.19-33, MORIM mostra de forma sucinta de como se dá a direção do conhecimento, mesclando saberes cristalizados e saberes em construção e, principalmente evidenciando as diferentes intervenções e armações sutis dos artificios ideológicos. O autor busca referências em alguns clássicos como conhecimentos na tentativa de fundamentar a sua análise do processo do conhecimento. Como Descartes, Marx e Engels, da própria trilha na qual vaga o saber considerado válido não deve ser algo imposto, mas uma conquista soberana. Na busca dessa tão sonhada autonomia humana, em que o conhecimento tende para a normalização, a tentativa de construir o processo “natural” do desenvolvimento humano e social depara-se com diferentes perspectivas de ação, com o qual o sistema educacional não venha cair na maioria das vezes no erro e na ilusão na qual foram vítimas até pensadores clássicos como *Marx e Engels*.

Estamos vivenciando, segundo o autor, uma espécie de busca de um paradigma maior, capaz de abrigar tais transformações que se processam com velocidade incrível, não sendo possível uma separação nítida entre o concreto e o subjetivo : sujeito/objeto; alma/corpo ; espírito/matéria; qualidade/quantidade; finalidade/causalidade; sentimento/razão; liberdade/determinismo; existência/essência. A tomada de ciência desse “grande paradigma do Ocidente” do saber articulado homem-natureza leva à autonomia da mente. Nesse processo, *O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez.*

No capítulo II, *Os princípios do conhecimento pertinente* pp. 35-46, há uma preocupação com a transparência do conhecimento, considerado: *o contexto, o global, o multidimensional, o complexo*. Se houver desconhecimento desses fatores, a pertinência do conhecimento fica ameaçada. Cabe à educação papel fundamental *de torná-los evidentes*. Logicamente o autor pensa todos esses elementos em escala planetária, porque com a velocidade que a informação chega às diferentes partes do mundo a educação, os saberes articulados no processo universal segue a lógica que lhe é imposta pela nova ordem mundial. É como se o mundo tivesse se reduzido. E é Necessário Ter atenção para que a educação, nesse processo de modernidade não fique à mercê de uma falsa racionalidade.

No capítulo III, *Ensinar a Condição Humana*, pp.47-61, o pressuposto básico é como fazer das propostas educacionais para educar o homem do futuro, que se tornou universal, globalizado, hiperativado. O homem passa a ser uma peça na engrenagem de uma máquina funcionando a todo vapor. O ser humano dentro dessa falsa racionalidade alegada pelo autor, inebriado pelos benefícios de uma sociedade globalizada com todas as vantagens de um processo rápido de comunicação de informações preciosas em todos os campos do saber, o homem se perde, sendo presa fácil de ideologias dominantes, ficando assim ameaçada sua condição humana. Cabe à educação no processo ensino-aprendizagem, ensinar a condição humana com base na razão, mas também na afetividade, na emoção.

No capítulo IV, *Ensinar a Identidade Terrena* pp.63-78, o século XX é visto como o século da mundialização e a necessidade mais premente, segundo o autor, é ensinar a identidade terrena. Nesse caso, não se deve esquecer que o no século XX, visando soluções imediatas de caráter econômico viveu-se momentos de barbárie, massacres, fanatismo. O medo tomou conta do ocidente. Mas o porquê de tantas coisas ruins que aconteceram e acontecem parece não receber uma explicação lógica. O desafio da educação é ensinar, ou encontrar uma maneira coerente de ensinar e *ética da compreensão*.

O capítulo V intitula-se *Enfrentar as Incertezas* (pp.79-92) Sendo o futuro aberto e imprevisível, deve-se achar uma maneira de ensinar as incertezas: incerteza cérebro-mental; incerteza lógica; incerteza racional e incerteza psicológica. Essas incertezas poderão ser ensinadas à luz do processo histórico da humanidade, ou seja, *esperar o inesperado e trabalhar pelo improvável*.

No capítulo VI, *Ensinar a Compreensão*, pp.93-104, estabelece se uma relação paradoxal sobre a terra. O processo comunicativo manifesta-se

com força total: redes, fax, telefones celulares, modems, Internet. E necessário estabelecer uma missão espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. Na educação do futuro, deve se ainda tomar cuidados especiais com o egocentrismo, com o etnocentrismo e sociocentrismo, o espírito redutor, estabelecer uma espécie de base sólida para a *compreensão, para a ética e para as culturas planetárias*. Em suma, esboçar uma educação capaz de atuar coerentemente num processo de uma sociedade globalizada, conviver dignamente com a diversidade, com a singularidade, com a especificidade em escala planetária.

O capítulo VII, *A Ética do Gênero Humano*, pp.105-115, trata de uma relação intrínseca entre indivíduo/sociedade/espécie, seguindo o princípio da inseparabilidade entre os componentes dessa trilogia no processo educacional. Portanto, ensinar a ética do gênero humano requer uma compreensão mais arguta do processo da democratização da sociedade. Essa democratização no século XXI, se manifesta de forma frágil nas suas estruturas. Isto quer dizer que ensinar a ética do gênero humano passa necessariamente pelas transformações inerentes ao próprio gênero humano, que embora deva ser pensado coletivamente, traz implícita, na condução da vida de cada um a autonomia do pensar, das suas ações concretas, na construção do seu próprio caminho, ou seja, o homem numa relação de autocondução, não doutrinário e não doutrinável. Nesta sociedade globalizada do século XXI, essas lições aparecem veiculadas no processo comunicativo, e o autor mostra nesta obra que estas lições, na maioria das vezes, estão ocultas por uma capa ideológica nem sempre visível ao senso comum, mas que podem se tornar inteligíveis na medida em que o homem trace o seu próprio caminho. No ensino da ética do gênero humano, *o caminho, o homem o constrói ao andar*.